

# Uma cozinha caipira entre o privado e o público: os caminhos de uma tela e seu estudo

Moema de Bacelar Alves  
Universidade Federal Fluminense

---

No ano de 1910, o pintor Oscar Pereira da Silva inaugura sua exposição em Belém do Pará e, em meio às obras vendidas, estava a premiada *Canto de cozinha*, que hoje faz parte do acervo do Museu do Estado do Pará. Porém, há ainda uma outra tela, com igual imagem à obra premiada e que pertence à família do ex-governador do Pará, Alacid Nunes. A proposta, portanto, se refere a analisar a passagem dessas duas obras, que possuem a mesma representação, discutindo o reconhecimento, os encontros e desencontros na biografia de cada uma. Levando-se em consideração que uma faz parte de uma coleção pública e outra de uma coleção privada, discutir os espaços onde são expostas, com quais finalidades e suas trajetórias individuais, é também apresentar duas narrativas distintas, dois percursos, uma vez que são dois objetos distintos, para uma mesma cena representada.

**Palavras-chave:** Trajetórias; coleção; obras de arte

---

En 1910, el pintor Oscar Silva Pereira abre su exposición en Belém do Pará, y entre las obras vendidas, estaba la premiada *Canto de cozinha*, que ahora forma parte de la colección del Museo del Estado de Pará. Pero hay, sin embargo, otra pantalla, con la misma imagen del trabajo premiado y que pertenece a la familia del ex gobernador de Pará, Alacid Nunes. Por lo tanto, la propuesta es examinar la pasada de estas dos obras, que tienen la misma representación, discutiendo el reconocimiento, las similitudes y diferencias en la biografía de cada una. Teniendo en cuenta que una es parte de una colección pública y la otra de una colección privada, discutir los espacios donde están expuestas, a cuáles propósitos y sus trayectorias individuales, es también presentar dos narrativas distintas, dos caminos, ya que son dos diferentes objetos de la misma escena representados.

**Palabras-clave:** Trayectorias; colección; obras de arte

Certo dia, na casa de um amigo em Belém, fiquei sabendo que uma prima sua possuía uma tela de Oscar Pereira da Silva. Perguntei qual era e me disseram ser um estudo de uma tela exposta no Museu do Estado do Pará (MEP) e pela instituição chamada *Interior de cozinha*. Sabendo que a obra do MEP chegou ao Pará quando da passagem do pintor por Belém em 1910 e tendo falado dela em minha dissertação de mestrado<sup>1</sup>, a curiosidade tomou conta de mim.



Fig. 1 | Oscar Pereira da Silva, *Interior de Cozinha*, 1907, Óleo sobre tela, 132,5 x 142 cm  
Acervo do Museu do Estado do Pará

Pensando no argumento de Arjun Appadurai de que o que importa é a passagem, o acontecimento do objeto<sup>2</sup>, fui provocada a sair em busca da biografia dessa obra que se oferecia à minha frente. Pedi, então, que meu amigo perguntasse se sua prima poderia me receber para conversar sobre a tal tela.

Márcia Nunes recebeu-me em uma tarde de outubro do ano passado, 2015, e mal entrei na casa fui logo me deparando com o quadro: uma versão idêntica em menor tamanho que a minha conhecida tela do museu. Sentamos para conversar e fui logo introduzida às documentações de seu restauro (foram dois, veremos). E, em meio à perguntas e

<sup>1</sup> Dissertação defendida em 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*, Niterói: Eduff, 2008.

fotos de documentos, indo do tempo presente para diferentes épocas e delas de volta ao presente, comecei a entrar nas particularidades de sua trajetória, e é assim, perpassando por diferentes momentos desse último século, que a contarei para vocês.

Porém, é importante que se diga, antes de ir ao encontro do dito estudo, fui imediatamente ao catálogo da exposição para ver, dentre as obras relacionadas, quais mencionavam ser um estudo ou se havia referência ao fato de alguma das telas exposta ser estudo de outra também presente na mostra, porém, não havia menção ao termo "estudo" e também nenhuma das telas onde se lia *croquis* ao lado, parecia se referir à esta tela em questão. Havia, contudo, uma tela, sob o número 20 do catálogo, chamada *Interior de uma casa de caipira*, cujo valor era bem inferior ao da tela premiada (enquanto esta última custava 10.000 réis, a primeira custava apenas 300 réis)<sup>3</sup>. Seria essa, então? Estaria assinada, datada? Seria mesmo um estudo? Como teria essa tela, sendo esse seu nome ou não, ido parar na família Nunes?

### Brincando com a linha do tempo ou tentando rastrear a trajetória das telas

Para início de conversa, *Canto de cozinha* está assinada e datada de 1907. A tela da família Nunes, infelizmente não. Há, portanto, duas possibilidades: sendo um estudo, deve ser anterior a 1907, data em que a primeira foi exposta por ocasião da *Exposição Geral de Belas Artes* (EGBA), no Rio de Janeiro; sendo uma cópia em menor tamanho feita pelo próprio Oscar Pereira da Silva, só sabemos ser anterior a 1910, ano em que foi exposta em Belém<sup>4</sup>.

*Canto de cozinha*, ao ser exposta em 1907, estava acompanhada de duas outras telas do pintor: *Cabeça de Expressão* e *Tomando uma pitada*. Ambas foram bem recebidas pela crítica, embora tenham tido menor espaço nos comentários. Já *Canto de cozinha* mereceu uma descrição pormenorizada nas páginas do *Jornal do Commercio*:

O quadro de gênero *Canto de Cozinha* representa parte de uma cozinha de casa pobre, onde ao fogão uma mulher pobre, que já não é moça, assa nas brasas uns pés de inhame. Essa figura foi evidentemente pintada com carinho, pois tudo nela é feito com grande estudo e meticulosidade, sem a ausência do menor elemento que revele a idade e a natureza da mulher. A cara é cuidadosamente modelada e a roupagem pintada com tal arte que trai a flacidez mole das carnes que lhe estão dentro, própria da idade que a figura denota.

Na maneira metódica como estão pintados os acessórios, há alguma coisa dos antigos pintores flamengos; vê-se que o artista teve um prazer técnico, se assim se pode dizer, em pintar

---

<sup>3</sup> "Exposição de pintura de Oscar P. da Silva". Catálogo. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo Theodoro Braga. IHGSP 432 – Atividade artística. Exposição de arte de terceiros.

<sup>4</sup> Agradeço às considerações da professora Claudia de Mattos Avolese que ampliaram as possibilidades de abordagem da trajetória dessa tela.

aqueles inhames, a lenha, a panela de cobre e demais objetos, que completam aquela cozinha da roça e que constituem o meio natural e familiar próprio da figura, e em que esta está à vontade, numa ação comum da sua vida diária. É uma cena da vida da classe pobre paulista e passada com grande exatidão para a tela, sem a preocupação de fazer um quadro de composição, uma cena mais ou menos teatral. A figura casa-se bem com o meio em que está; tudo está ali bem e tem um ar familiar, de tranquilidade; sente-se que o artista viu esse quadro e não fez mais do que copiá-lo do vivo<sup>5</sup>.

Mas, por mais que tenham agradado, nenhuma das telas de Oscar Pereira da Silva ganhou premiação esse ano<sup>6</sup>. Contudo, 1908 chegou e com ele, boas novas para o pintor.

A Exposição Nacional do Rio de Janeiro foi um grande evento comemorativo pelos 100 anos da abertura dos portos ao livre comércio. Além de celebrar a virada nas relações comerciais e no desenvolvimento do Brasil, a exposição faria um "inventário" do país para os próprios brasileiros. Realizada na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro - então capital federal -, a exposição contou com representações de todos os estados e ainda com um pavilhão português<sup>7</sup>. Nessa exposição, no pavilhão de São Paulo, na seção de artes liberais, *Canto de Cozinha* levou o grande prêmio.

Já no ano de 1910, Oscar Pereira da Silva partiu rumo ao norte, mais especificamente, como vimos, a Belém do Pará, nesse momento, mesmo com os primeiros sinais de crise na economia da borracha, ainda um atrativo mercado de exposições para venda de quadros.

Como de costume à época, sua exposição, inaugurada a 10 de agosto, se deu no *foyer* do Teatro da Paz e contou com pouco mais de 70 telas entre cenas de interior, gênero, pinturas históricas e muitas paisagens de vários cantos do Brasil, da França e até alguns recantos de Belém<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> NOTAS DE ARTE. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 19 set. 1907, p. 4.

<sup>6</sup> As premiações em pintura foram as seguintes: Pintura: Prêmio de viagem - Carlos Chambelland, medalha de 2ª classe (prata) aos expositores Louis Christophe, Lucilio de Albuquerque, Arthur Timotheo da Costa, Gaspar Puga Garcia e Roberto Mendes. Menções Honrosas de 1º grau aos expositores D. Georgina de Albuquerque, D. Regina Veiga, Alberto Delpino, José Marques Campão, D. Rachel Boher, D. Irene de Andrade Ribeiro, Carlos Alberto de Agostini, A. de Alvim Menge, João Timotheo da Costa e Mario Navarro da Costa. Menções Honrosas de 2º grau aos expositores D. Beatriz Pompeu Camargo, Gaspar Coelho Magalhães, D. Luiza M. S. Belard, D. Eugenia Freire Meirelles, D. Mercedes Lisboa Seng, Carlos Sussekind, Galdino Bilho [sic], D. Virginia de Niemeyer e D. Izabel Hislop. NOTAS DE ARTE. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 22 set. 1907, p. 3.

<sup>7</sup> PEREIRA, Margareth da Silva. A exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. In: *Arquitexto 16*. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/01\\_MSP.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/01_MSP.pdf). Acesso em: 07 de janeiro de 2016.

<sup>8</sup> ALVES, Moema de Bacelar. *Do Lyceu ao Foyer: exposição de arte e gosto no Pará da virada do século XIX para o século XX*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013. p. 137-138.

A exposição foi bastante anunciada e comentada pela imprensa, que chamou a atenção particularmente para uma obra: *Canto de cozinha*<sup>9</sup>! A tela foi, portanto, exaltada nas páginas do jornal local *O Jornal*, pelo crítico Otacílio de C., que havia visitado o atelier do artista pouco tempo antes. Após descrever a obra e mencionar seu prêmio, o crítico diz: "Tenho certeza de que esta tela será aqui exposta e, por isso, desde já excito a curiosidade pública para apreciar o trabalho notável do ilustre pintor fluminense".

Nas referências feitas à exposição nos jornais da época<sup>10</sup>, não há nada mais que a referência ao fato de *Interior de uma casa de caipira* constar na exposição. Não há nenhum comentário a seu respeito em particular, ou a ser um estudo, cópia, ou até ao fato de haver estudos ou croquis na exposição. Na verdade, as únicas telas que mereceram algum comentário a mais nos jornais foram *Canto de cozinha*, *Escrava romana*, *Sonata de Beethoven*, *Carro de bois* e *A fundação de São Paulo*, com maior destaque à primeira que, junto com a *Escrava romana*, mais de uma vez foram referidas com espanto por ainda não terem sido adquiridas. Posto que eram consideradas verdadeiras preciosidades da arte pátria, dignas de museu, era de se notar que o público paraense – ou mesmo autoridades – não tivesse ainda adquirido as telas.

Mas, se *Canto de cozinha*, era frequentemente citada como sendo o primor da exposição, o fato de haver outra tela semelhante a ela não foi nem sequer mencionado, nem ao menos para comentar aspectos de sua execução.

A exposição teve que ser desmontada para dar início à montagem da *II Exposição Escolar de Desenho*, a ser inaugurada no mesmo foyer a 07 de setembro e, que pelo grande número de trabalhos expostos, (alcançando, nesse ano, mais de 600 trabalhos), precisava de tempo para receber o que seria apresentado e sua organização.

Das telas expostas, Oscar Pereira da Silva deixou de vender 21, demonstrando uma boa receptividade dos compradores. Essas telas, no entanto, foram novamente exibidas em uma segunda exposição, dessa vez montada na Biblioteca e Arquivo Público do Pará, de 23 de agosto - apenas dois dias depois o fim da primeira exposição - a 01 de setembro do mesmo ano. A exposição contou com novo catálogo e nele lá estavam novamente *Interior de uma casa de caipira* e *Canto de cozinha*...

É interessante ressaltar que, dentre os gêneros de pintura, os que mais frequentemente eram adquiridos para as coleções particulares dos paraenses daquela época, eram: a paisagem, as naturezas mortas e os retratos. As cenas de interior pareciam não despertar tanto o interesse daqueles compradores quanto as outras agora

---

<sup>9</sup> No Museu do Estado do Pará a tela está registrada como *Interior de cozinha* e não *Canto de cozinha*, o que nos chama atenção, todavia, é que a placa onde está inscrito o nome da tela e sua referência enquanto obra premiada aparece como *Interior de cozinha*, mas nos catálogos e críticas da época, ela aparece como *Canto de cozinha*. A dúvida está se a dita placa teria sido colocada posteriormente... Para o caso deste artigo, no entanto, será adotado o nome que consta no catálogo e nas críticas, posto que alguns trechos destes serão transcritos e pretende-se, assim, evitar confusões de entendimento sobre qual tela está se referindo.

<sup>10</sup> Foram consultados para este artigo *A Província do Pará*, *Folha do Norte* e *O Jornal*, os três jornais de maior circulação no estado.

mencionadas. Além de serem expostas em menor número, sua aquisição, quando feita, dificilmente se dava nos primeiros momentos das mostras<sup>11</sup>.

Essa segunda exposição, no entanto, não teve a mesma cobertura da primeira. Dentre os periódicos locais de maior circulação, o único que a menciona foi *O Jornal*, que dá as datas, local, horário e lista de obras expostas. Os outros jornais que haviam acompanhado a primeira exposição (*A Província do Pará* e *Folha do Norte*) nem sequer notificam a que ocorreu na Biblioteca. Assim, como para essa mostra não publicam as listas de compradores, iremos perder a pistas dessas obras, até que...

Em 1994, o Museu do Estado do Pará, criado inicialmente no edifício conhecido por Centur<sup>12</sup> e que desde 1987 funcionava no Palacete Bolonha<sup>13</sup>, muda-se para o Palácio Lauro Sodré, prédio colonial feito pelo arquiteto bolonhês Antônio José Landi para ser residência dos governadores do Pará ainda no século XVIII. Ao se instalar ali, as obras que ornavam o Palácio que até então servia como órgão do governo, passaram a compor o acervo do museu.

Dentre as obras que já pertenciam ao governo e que, mesmo sem poder precisar a data certa, foram anexadas à coleção do MEP, havia uma tela de Oscar Pereira da Silva que tinha uma plaqueta de premiação e cuja leitura, segundo sua ficha museológica, era de difícil identificação. E assim, possivelmente a referida *Canto de cozinha* entra para o acervo do museu rebatizada de *Interior de cozinha*<sup>14</sup> e hoje faz parte de sua exposição de longa duração ao lado das telas que tiveram entrada no acervo da mesma forma.

São elas: *Os Falquejadores*, de Benedicto Calixto; *A morte de Virginia*, de Antônio Parreiras; *A fiandeira*, de Carlos Custódio de Azevedo; e *O Phtisico*, de João Gomes Corrêa de Farias, todas adquiridas pelo governo do Pará no início do século XX.

---

<sup>11</sup> ALVES, Moema de Bacelar. *Op. Cit.* p. 139-142.

<sup>12</sup> O museu foi instituído em 1981, mas suas atividades só tiveram início em 1986. O edifício que primeiro o abrigou, hoje sedia a biblioteca pública, cinema, teatro, espaço para eventos e ainda uma galeria de arte denominada Theodoro Braga.

<sup>13</sup> Palacete em estilo eclético construído por volta de 1905 para ser a casa do engenheiro paraense Francisco Bolonha.

<sup>14</sup> A obra foi restaurada, pois uma de suas fichas, a mais antiga, fala de uma danificação na parte inferior da tela, principalmente no lado direito, que teria, inclusive, perda da camada pictórica. Nesse processo, a plaqueta pode ter adquirido a denominação que carrega hoje. Infelizmente a documentação do restauro da tela não pode ser acessada. Sistema Integrado de Museu. Acervo documental do Museu do Estado do Pará. N°0008-LS – “Interior de cozinha”.



Fig. 2 | Museu do Estado do Pará, Foto: Augusto Moutinho Miranda  
(Na imagem, vê-se a *Canto de cozinha* entre a *Falquejadores* e *A morte de Virginia*)

Pronto, identificamos a trajetória de uma das imagens, mas, e da outra?

Numa noite, entre 1968 e 1971, período em que Alacid Nunes (1924-2015) esteve à frente do governo do estado do Pará<sup>15</sup>, houve um jantar no antigo Palácio do Governo. Entre os convidados estava o Dr. Otávio Mendonça (1921-2005), advogado bastante respeitado em Belém.

Na sala em que se serviu o jantar havia uma grande tela que o Dr. Otávio logo reconheceu por ter uma igual em sua casa. A tela era *Canto de cozinha*. O advogado, querendo fazer uma gentileza para a primeira dama, D. Marilda Nunes, falou que iria presentear-lá com o estudo daquela tela. O seu quadro não estava assinado, porém pertencera a seu pai, Deodoro de Mendonça (1889-1968), político paraense possuidor de diversas obras de arte, e, ao ser adquirido por ele, sabia ser o estudo de uma grande tela premiada<sup>16</sup>.

É de se questionar, no entanto, o fato de a tela ser tão exatamente igual à premiada e não de ter sequer uma sutil diferença entre ela e a suposta versão final<sup>17</sup>. Some-se a isso o fato de o catálogo não mencionar haver um estudo dessa tela como informou

<sup>15</sup> O governo de Alacid Nunes se deu no intervalo de 1966 a 1971, porém, pela data de morte do primeiro proprietário do quadro, Deodoro de Mendonça, (1889-1968), deduz-se, pelo relato fornecido por D. Marilda Nunes, que foi entre a data mencionada no texto.

<sup>16</sup> Informações obtidas a partir de entrevista cedida por D. Marilda Nunes por telefone, em janeiro de 2016.

<sup>17</sup> Marcela Regina Formico, em sua dissertação de mestrado estuda a tela *Escrava Romana* e defende ser prática comum ao pintor realizar outras reproduções de seus trabalhos consagrados para comercialização. FORMICO, Marcela Regina. A "Escrava Romana" de Oscar Pereira da Silva: sobre a circulação e transformação de modelos europeus na arte acadêmica do século XIX no Brasil. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2012. p. 150

para o caso da tela *A fundação de São Paulo*<sup>18</sup> e teremos uma questão posta: será a tela um estudo ou uma cópia feita pelo próprio artista? Se não temos como responder até o momento, foi assim, como estudo, que a tela passou a pertencer à D. Marilda, indo ocupar um lugar na sala de jantar da família do ex-governador.



Fig. 3 | Oscar Pereira da Silva. Tela da família Nunes.  
Foto: Moema Alves

A tela lá ficou por muitos anos até que foi necessário que passasse por um processo de restauro, em 1999. Por essa ocasião, por mais que não se saiba a data precisa, já haviam trocado sua moldura original e a tela acabou perdendo muito de sua camada pictórica nesse processo<sup>19</sup>. Restaurada, a tela volta para sua sala de jantar, até que dez anos depois, passa novamente por intervenções, pois estava extremamente craquelada.

---

<sup>18</sup> Esse estudo foi adquirido pelo então intendente Antônio Lemos para o palácio da intendência, sendo hoje pertencente ao acervo do Museu de Arte de Belém (MABE).

<sup>19</sup> Ficha de documentação do restauro realizado por Sérgio Melo entre 20 de janeiro e 12 de fevereiro de 1999. p. 04.





Fig. 4 | Ficha do primeiro restauro, 1999

Chega, então, o ano de 2012, e D. Marilda Nunes apresentou seus filhos e suas respectivas esposas com algumas das obras que possuía em casa e, com isso, a arquiteta Márcia Nunes, sua nora, recebeu a tela de Oscar Pereira da Silva, juntamente com a documentação das intervenções pelas quais a mesma havia passado. Como uma das primeiras providências, trocou a moldura em que estava a tela por, no dizer da arquiteta, não condizer com ela. Uma vez que já não era a moldura original, não teve receio em fazer a troca. Ao receber a tela, manteve a posição de colocá-la na sala de jantar da família, local onde tive o prazer de vê-la e ir atrás de buscar os caminhos que acabo de contar.



Fig. 5 | Apartamento da senhora Marcia Nunes, Belém (PA), 2015  
Foto: Moema Alves

## Público e privado se encontram no jantar

Ligadas pela concepção – independente de ser um estudo ou uma reprodução anterior, uma veio a partir da execução da outra –, adquiridas por diferentes compradores e recebendo caminhos distintos pelo fato de uma ser pública e a outra privada, a trajetória de *Canto de cozinha* e sua companheira de exposição voltou a se cruzar mais de 50 anos depois justamente a partir dessa diferença de destino de coleções.

Se a existência de uma acabou por gerar a outra, de certa forma, o destino público dado a uma delas, acabou traçando o destino seguinte da tela que sempre foi privada, mesmo que à época, embora *Canto de cozinha* fosse pública, posto que de posse do estado do Pará, sua apreciação fosse limitada por estar exposta em um local de acesso restrito à maioria da população.

Como vemos, neste caso, para reconstituir informações da vida de uma obra foi preciso recorrer à vida de outra. Nem a instituição pública, pela forma como a obra entrou no acervo do museu, tinha essa reunião de informações acerca da duplicidade de imagens ou até mesmo do nome da tela; nem a família Nunes sabia dos meandros da trajetória de sua tela e da tela do antigo Palácio. Foi apenas confrontando as duas trajetórias que pudemos compor, embora ainda com grandes lacunas, a vida dessas telas.

Essa busca pelas biografias das telas confirma que a história dos sujeitos e a história dos objetos se constroem entrelaçadas em suas relações cotidianas. E, voltando a citar Appadurai, os objetos ganham novos significados a cada novo contexto, bem como são diversas as relações que vinculam valor e troca, fazendo com que as coisas tenham uma vida social. Essas trajetórias brevemente contadas aqui são apenas alguns capítulos dessa história e esse momento que lhes apresento agora é apenas mais uma reunião de duas obras que prosseguem com suas trajetórias independentes. Outros capítulos estão por vir. A vida social segue.

E por essas indas e vindas da vida, o restaurador responsável pelas duas intervenções na tela pertencente à família Nunes, é o atual diretor do museu que abriga a *Canto de cozinha*, sendo assim, mais um elo em comum nessas duas trajetórias.

Ainda coincidentemente, hoje, no âmbito público ou privado, ambas estão próximas a uma mesa de jantar. Mais coincidência ainda é o fato de também ter sido um jantar que acabou por reunir, ao menos por um momento, essas duas trajetórias. E se acreditarmos, de fato, nas coincidências, acabaremos por achar que a senhora que acendia o fogo na imagem, preparava seu jantar...

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Moema de Bacelar. *Do Lyceu ao Foyer: exposição de arte e gosto no Pará da virada do século XIX para o século XX*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.
- APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*, Niterói: Eduff, 2008.
- BRAGA, Theodoro. *A arte no Pará, 1888-1918: retrospecto histórico dos últimos trinta anos*. Revista do Instituto Historico e Geographico do Pará. v.7. Belém, 1934. pp. 151-159.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Pretérito imperfeito: arte, mecenato, imprensa e censura em Belém do Pará, 1898-1908*. In: KUSHNIR, Beatriz (Org.). *Maços na gaveta: reflexões sobre mídia*. Niterói: EDUFF, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Quimera Amazônica: arte, mecenato e colecionismo em Belém do Pará, 1890-1910*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaclio>. Acesso em 25 de julho de 2011.
- FORMICO, Marcela Regina. *A "Escrava Romana" de Oscar Pereira da Silva: sobre a circulação e transformação de modelos europeus na arte acadêmica do século XIX no Brasil*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- MILLER, Daniel. *Material culture and mass consumption*. New York: Basil Blackwell, 1987.
- MONTEIRO, Michelli Cristine Scapol. *Fundação de São Paulo, de Oscar Pereira da Silva: trajetórias de uma imagem urbana*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura, 2012.
- PEREIRA, Margareth da Silva. *A exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro*. In: *Arquitexto 16*. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/01\\_MSP.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/01_MSP.pdf). Acesso em: 07 de janeiro de 2016.
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Teorema, 1998.